

Um pouco sobre mim

CATARINA DA ESPERANÇA MAQUILE DE MELO

RESUMO: Este escrito retrata um breve percurso, de uma jovem mulher docente, que vivia maritalmente, com uma bebê, numa casa recém-construída e organizada pelo meu noivo e por mim. No meio disso, decidi partir em busca de um sonho - continuar com a minha formação e profissionalização no Brasil. O texto relata minhas vivências e o meu processo de doutorado, enquanto mãe, noiva e estudante.



Palavras-chave: Mulheres; Raparigas; Gênero; Empoderamento.

A little about myself

ABSTRACT: My writing portrays a brief journey of a young teaching woman, who lived with her partner, with a baby, in a newly built house organized by my fiancé and me. During this, I decided to go in search of a dream - to continue with my training and professionalization in Brazil. The text reports my experiences and my doctoral process, as a mother, bride, and student.

Keywords: Women; Girls; Gender; Empowerment.

**CATARINA DA ESPERANÇA MAQUILE
DE MELO**

Doutora em Políticas Públicas
na Universidade Estadual do
Ceará (UECE). Mestre em Ciência
Política: Governação e Relações
Internacionais, pela Universidade
Católica de Moçambique.
E-mail: cmaquilemelo@gmail.com

DATA DE ENVIO: 06/03/23

DATA DE APROVAÇÃO: 24/03/23

1. Introdução

“Um pouco sobre mim” é um texto parcialmente biográfico, escrito com o objetivo de narrar meu percurso, com destaque para a fase do doutoramento. O que é mais instigante é o fato de fazê-lo fora de Moçambique, num momento delicado da minha vida, em que a maternidade e o casamento desafiaram a decisão em me formar no exterior.

Sou natural de Quelimane, cidade capital da província da Zambézia, localizada no Centro de Moçambique. Nascida em 16 de fevereiro de 1996, sou filha de pais zambezianos, irmã de cinco meninos e uma menina. Fui presidente entre 2015 e 2019 da Associação das Raparigas da Zambézia,¹ da qual sou membro-fundadora.

Sou de uma sociedade em que as desigualdades de gênero e a alfabetização das mulheres constituem um desafio. Dados da ONU colocam Moçambique na 180ª posição dos 189 países classificados no índice de desigualdade de gênero de 2019 (PNUD, 2019) e os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) evidenciam que as mulheres em Moçambique são as que apresentam maiores taxas de analfabetismo, tanto no meio urbano, quanto no meio rural (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2019).

Na sociedade em que eu faço parte ou em quase todas, as leis aferem que os homens e as mulheres são iguais em todos os domínios da vida política, econômica, social e cultural. Mas, normalmente, o privilégio de usufruir de oportunidades de trabalho, de formação, de acesso ao espaço público, entre outros, é dado aos homens em detrimento de mulheres. Acrescido a isso, para a categoria de “mulher mãe”, tal possibilidade de usufruto diminui. Por isso, foi preciso eu dar um sentido diferente na minha vida, algo que só foi possível por eu ter sorte em fazer parte de uma família que desde cedo investiu nessa autonomia e me deu a visão e a possibilidade de pensar sobre mim, meus direitos e meus sonhos.

1 Associação das Raparigas da Zambézia é uma associação moçambicana infanto-juvenil, sem fins lucrativos e de caráter social e humanitário. De âmbito provincial, o seu foco é a igualdade de gênero, a divulgação dos direitos da rapariga e a educação formal dela. A associação está publicada no Boletim da República, III série, n. 209, 2 nov. 2020.

Aqui se destaca o papel da família na construção dessas “visões de mundo”, quer dizer, como é que uma pessoa, diante de adversidades pessoais, familiares, sociais e até mesmo conjunturais, consegue seguir?

Eu sou dessa sociedade!

2. Formação

Desde que me vi aluna, segundo meus pais, desenvolvi o interesse em estudar. Um dos argumentos que eles apresentam é o fato de ter estado no meio de três rapazes que já iam à escola. Concluí o meu ensino secundário e ingressei na universidade. A experiência universitária, particularmente o modo de interação entre os docentes e os alunos, despertou em mim o sonho de ser docente universitária. Terminei a minha licenciatura em 2015 e depois de um ano como estagiária na universidade onde me formei, realizei o meu primeiro sonho, tendo a oportunidade de ser contratada. Me tornei docente e é lá onde permaneço até hoje.

No ano de 2016 me matriculei no mestrado. Foi nesse momento que começou a minha “caça às bolsas de estudo”, inclusive as concorria com uma amiga e igualmente colega do serviço, que muito a admiro.

Quase no final do curso de mestrado, em 2017, depois de quatro bolsas concorridas sem sucesso, a minha amiga conseguiu uma bolsa em um programa de mestrado na França. Celebramos bastante a sua vitória, afinal, se tratava de uma grande conquista almejada por ambas e, apesar de não termos sido as duas aprovadas, tratava-se de nossa conquista. Ela foi para França e eu permaneci em Moçambique.

A partida dela rumo à formação no exterior gerou alguns impactos sobre mim. Um deles foi a pressão, justificada pelo fato de tudo que ocorria em nossa volta. Partilhamos experiências similares juntas, desde o início e conclusão da graduação, do estágio, do trabalho na Universidade e em todos os processos de seleção para cursar a pós graduação no exterior. Porém, a minha batalha ainda permanecia. Isso contribuiu para que permanecesse com mais força, mais empolgada e me preparasse mais ainda, porque

além de tê-la como inspiração, acreditava que eu também poderia conseguir e, acima de tudo, estava focada em realizar o meu sonho e me tornar a Catarina que eu gostaria e que eu poderia ser.

Uma das coisas que eu tenho conversado com algumas meninas e jovens mulheres é sobre as nossas referências. Talvez esse seja o ponto: já não precisamos apenas de ter como referência pessoas distantes de nós; com idade acima da nossa ou de outras gerações. Já não precisa que sejam apenas as nossas mães, a Graça Machel, a Paulina Chiziane, a Josina Machel e outras mulheres moçambicanas que desempenham ou desempenharam um papel de destaque na construção do país. Nós mesmas, enquanto jovens, podemos ser referência e inspiração umas das outras. Acredito eu que cada uma de nós tem uma amiga, prima ou alguém próximo a si que luta para os seus e para os objetivos da coletividade. Hoje, são essas referências que também devemos ter. Devemos ter, também, a consciência de que outras mulheres já fizeram a sua parte e, porque não, também contribuirmos!

Terminado o mestrado, fiquei um ano sem estudar enquanto trabalhava. Nesse período, por inerência da profissão, e porque também a Universidade em que trabalho leciona cursos de doutoramento, havia muitos incentivos para que desse continuidade com os estudos. Matriculei-me em um doutoramento para dar continuidade à minha formação, mas não era o meu objetivo fazê-lo em Moçambique.

Ainda nesse período, fiquei grávida e em seguida noiva. Aqui começam os meus desafios enquanto mãe e noiva. Um dia antes da realização do meu noivado, precisamente no dia 31 de agosto de 2018, enquanto me dedicava aos últimos preparativos da festa, também fazia a minha candidatura para a bolsa de estudo no Brasil. Eu tinha consciência que no dia seguinte seria o meu noivado, mas também tinha em mente que depois de seis meses, se abria uma possibilidade de não estar em Moçambique. Hoje, isso me faz pensar sobre como nós articulamos possíveis oportunidades e como mantemos acesos os nossos objetivos, mesmo em meio às incertezas de como será feito, ou ainda, se daremos conta.

Em dezembro do mesmo ano, foram publicados os resultados e eu tinha sido aprovada. Foi uma alegria e tanto! Mas eu estava

grávida, com o parto previsto para fevereiro de 2019 e o início de aulas era em março do mesmo ano.

Fiquei com uma mistura de sentimentos e sem saber o que fazer, mas sabia que tinha conquistado o que havia planejado. Com esse resultado, como então seria o processo de lidar com o noivado de três meses, de dar à luz em dois meses e começar com as aulas no mês seguinte?

A sociedade ensina que nos relacionamentos é a mulher quem deve abrir mão das coisas, e quando as mulheres dizem que tomaram alguma atitude em prol do casamento, é porque em geral desistiram do emprego, de um passo na carreira ou de um sonho (ADICHIE, 2015). Apesar disso, nunca passou pela minha cabeça desistir da bolsa, mas ao mesmo tempo não sabia como seria a minha situação pós parto e nem da minha filha recém-nascida, fato que condicionava a minha ida ao Brasil no período previsto.

Por conta disso, dediquei uns bons dias a ler e reler o edital da bolsa que me tinha selecionado, procurando por alguma informação que pudesse dar alguma resposta positiva à minha delicada situação. Foi nessa agonia que encontrei no edital o seguinte:

Os candidatos aprovados que, por motivo de força maior – como doença, gravidez ou outras situações – não puderem iniciar suas atividades no primeiro semestre de 2019, deverão apresentar justificativa fundamentada, mediante concordância da IES [instituição de ensino superior], solicitando o adiamento necessário, o qual não poderá ultrapassar o exercício de 2019 (CAPES, 2018, p. 6).

Foi a minha maior alegria naquele dia, visto que, ser aprovada para aquela bolsa era um passo importante para a minha formação e carreira. Na minha opinião, essa postulação da CAPES é uma boa prática, que pode servir, ao mesmo tempo, de exemplo e conselho ao universo das agências de fomento que fornecem bolsas de estudo, ao praticar a inclusão e perspectivas de gênero no âmbito institucional e ao considerar fatores adversos e imprevisíveis que vezes sem conta impedem certos candidatos a iniciar as suas atividades no tempo recomendado.

A parte da bolsa foi ultrapassada, essa já era garantida!

A minha filha nasceu no dia 6 de fevereiro de 2019. A minha maior alegria, para além de tê-la em meus braços era de a acompanhar e ter a oportunidade de ver as primeiras mudanças dela, fato que muito me preocupava antes de ter a autorização para começar as aulas em agosto de 2019.

Ela ficou em Moçambique. Não viajei com ela por receio de sua segurança. Eu ia viajar para um país cuja realidade era por mim desconhecida. Além disso, a rotina dela no Brasil poderia ser pesada. Na idade dela, ter que acordá-la cedo e deixá-la sob cuidados de pessoas desconhecidas ou de algumas instituições pesou bastante para que eu optasse por me separar dela durante a formação. Ela ficou ao cuidado do pai, dos meus pais, da família.

A respeito da separação entre a mãe e filha com tão pouca idade, a escritora e psicanalista Judith Viorst ensina que,

Mais ou menos aos seis meses, a criança já pode formar uma imagem mental da mãe ausente. Lembra-se dela e a deseja especificamente, e a ausência provoca sofrimento. E dominada por necessidades insistentes que só a mãe pode satisfazer, sente-se [...] desamparada [...]. Quanto mais nova a criança, menor é o espaço de tempo - uma vez que esteja já ligada à mãe - em que a ausência é sentida como perda permanente. E embora os cuidados de um substituto conhecido a ajudem a tolerar as separações diárias, só aos três anos, gradualmente, começa a compreender que a mãe ausente está viva e intata em outro lugar qualquer - e que vai voltar para ela (VIORST, 2005, p. 23).

Nesse sentido, como ela entenderia que eu voltaria? Tal como afirma a escritora moçambicana Paulina Chiziane, a coragem é um exercício tremendo e a autora questiona o que é a vida sem coragem? “Os grandes feitos da humanidade precisam de coragem e mesmo ao nível doméstico é preciso coragem” (CHIZIANE, 2013). Provavelmente me ausentar fisicamente seria o meu ato de coragem.

2.1. As viagens

Assim como almejava a bolsa de estudo, da mesma forma, ou ainda com maior intensidade, não queria que o dia chegasse. Pois, tratava-se do momento em que teria que deixar a minha filha, não por algumas horas para tratar de algum processo ou algum afazer rotineiro, mas, por um período prolongado. Naquele momento, o ato de coragem referido por Chiziane foi duplicado, uma vez que, o que tinha sido constituído como decisão, demandava a sua materialização. Na minha primeira ida ao Brasil, no dia 19 de julho de 2019, ela tinha apenas 5 meses de idade.

Além de me preparar psicologicamente, tive que prepará-la também. Isso requeria a introdução de outros alimentos ainda em estado líquido e, também, o desmame dela. O desmame, por exemplo, foi um processo bastante reflexivo, pois desejava que não fosse traumático nem para ela e nem para mim, principalmente porque a amamentação, era o nosso momento, no qual trocávamos carinho e eu a fazia calar. Era o momento em que ela olhava fixamente para mim enquanto bebia o leite calmamente e eu percebia o quão importante era para a vida dela.

Não sabia se conseguiria vê-la a chorar para o leite do peito e não a atender, não sabia como ela reagiria ao desmame ou se ficaria doente. Na verdade, era muita reflexão, inclusive algumas pessoas da família defendiam que eu devia amamentá-la até ao nosso último momento. Eu pensava diferente, não sei se foi a decisão acertada, mas no meio de todas as incertezas, eu queria acompanhar esse processo e cuidar das reações nela. Nesse sentido, ela desmamou 1 semana antes da minha viagem e por sorte, não foi um processo muito difícil, ela reagiu bem e continuou sadia. Além disso, ela comia muito bem, fato que me confortava.

A minha união com o meu noivo foi depois do nascimento da nossa filha. Foram apenas 4 meses em que partilhamos o mesmo teto, o guarda roupa e juntamos as escovas de dente. Antes e depois da minha chegada ao Brasil, as pessoas questionavam sobre como teria ficado o meu noivo e se eu tinha medo de o perder. Eu respondia que sim, em algum momento tinha esse medo, mas que devia aproveitar essa oportunidade, até porque a maioria dos casamentos terminam, mesmo quando as pessoas

moram juntas. Além disso, ele apoiava-me, mesmo no meio da nossa insegurança.

O casamento pode ser bom, uma fonte de felicidade, amor e apoio mútuo (ADICHIE, 2015), mas não é tudo e nem é a única conquista na vida de uma mulher! A autora questiona por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento e a manter o lar, mas não o fazemos com os meninos?

As viagens, eram momentos difíceis. Era o aceitar do distanciamento das pessoas que mais amava e das coisas que mais gostava. O aeroporto se tornava um lugar triste, de lágrimas e de muita reflexão. Para além da aceitação da separação, que era materializada pela minha viagem ao exterior, tinha a gestão da separação que era possível, recorrendo a chamadas de vídeo pelo whatsapp. Em relação a minha filha, a comunicação se tornava difícil devido a idade dela. Como podia me comunicar com uma criança de 5 meses? Eu não tinha muitas alternativas, só podia ficar a olhar para ela.

Isso aconteceu até um ano e meio de idade. Depois disso, já conversávamos, mas nem sempre ela conseguia. Nessas chamadas de whatsapp, em alguns momentos ela conversava e em outros, olhava para mim, virava o seu rosto e chorava. Eu tentando respeitar o momento dela, pedia a quem estivesse com ela que falássemos em outro momento. Eu desligava e, é claro que eu, do outro lado, chorava também.

Era comum o questionamento, às vezes pronunciamentos sobre a possibilidade dela não me chamar de mãe por, fisicamente, eu não fazer parte da infância dela e pelo receio de ela não me ter como referência de mãe. Apesar disso não ter gerado depressão em mim, em alguns momentos, pode ter um efeito destruidor sobre uma mulher, principalmente, aquela que se encontra diretamente nessa situação, devido a sua sensibilidade, carências, dúvidas, medo e entre outras coisas. É verdade que a preocupação das pessoas, apesar de ser meio incomoda, encontra alguma lógica, pois, quando ela se referia a mim, às vezes chamava mãe, outras vezes tia e com o passar do tempo, quando se apercebia que me chamou por tia, retificava e dizia mãe. Ela nem era culpada, apenas estava a se adaptar a um processo que sequer conhecia.

A minha família sempre fez um bom trabalho com ela, sempre explicaram que eu era a mãe e que estava no Brasil a estudar. Isso ela conseguiu memorizar desde o momento que sua idade permitiu. Quando ela foi crescendo, no intervalo entre dois anos e meio e três anos de idade, já entendia que mãe ia para o Brasil e depois voltava para Moçambique. Ela entendia também que tinha duas casas, uma em casa dos avós onde passava maior parte do tempo dela, e outra em casa dos pais. Das poucas vezes que eu conversava com ela sobre as minhas viagens, eu perguntava se ela gostava de ficar em casa dos avós e ela respondia que sim. Isso me deixava feliz, pois, ficava a ideia de que ela estava inserida em um ambiente em que ela gostava.

Depois dos três anos de idade, ela compreendia melhor ainda. Me lembro que em uma das minhas despedidas, no dia 30 de maio de 2022, quando retornava ao Brasil depois de nove meses de trabalho de campo em Moçambique (foi a primeira vez que tínhamos ficado muito tempo juntas), enquanto dava o último banho nela e brincávamos, para em seguida partirmos ao aeroporto, eu lhe expliquei que ia viajar. Na verdade, eu esperava que a reação dela fosse de choro, e pedidos para que eu a levasse comigo, tal como ela fazia no início, quando eu brincava com ela ao me referir que voltaria ao Brasil. Posteriormente, por me aperceber da tristeza que lhe causava ao me referir sobre a viagem e me apropriando do fato dela dizer que gostava de ficar com os avós, introduzi nas nossas conversas um leque de coisas boas e de possibilidades de brincadeiras que ela se beneficiaria vivendo lá e, por algumas vezes, falei para ela que quando mãe viaja, a filha fica em casa dos avós e quando mãe volta, a filha fica com os pais.

Naquele momento do banho, a reação dela foi diferente da minha expectativa e, a sua compreensão e memorização me surpreendeu, pois, ela reagiu a despedida nos seguintes termos “Quando a mãe vai para o Brasil, a filha fica em casa da avó e quando a mãe volta do Brasil, a filha fica com os pais, nem mãe?” Eu emocionada pela resposta da minha filha, respondi que sim filha e dei um abraço muito forte nela e muitos beijinhos e as lágrimas iam caindo no meu rosto.

Poucos meses depois de ter viajado, durante as nossas conversas pelo whatsapp através das chamadas de vídeo, ela espontaneamente fazia uma cara de choro e dizia “mãe eu quero vir aí onde você está!” Em algumas vezes eu introduzia um assunto do interesse dela para tentar distraí-la e noutras, eu respondia que a mãe voltaria em breve.

Nos dias em que passava algum tempo na nossa casa, junto ao pai, na hora de dormir ela dizia, “mãe está aqui o teu lugar, eu quero dormir com você” e eu respondia que iria depois, assim que chegasse. Uma vez que ela ficou habituada a dormir entre os pais, em seguida perguntava para o pai “quem vai me proteger do outro lado”? Nesse questionamento, eu achava engraçado a compreensão que ela tinha sobre a proteção que os pais lhe garantiam pelo fato dela estar no meio. Ela nunca aceitava dormir no canto.

2.2. Nem tudo era choro

Quando saí de Moçambique era muita tristeza. A minha filha era muito pequena. Eu estava insegura, pois parecia estar a deixar tudo para trás. Mas isso não é tudo para quem deve seguir em diante. Hoje, quando olho para trás não me revejo na mesma pessoa. A experiência de fazer uma formação no exterior é instigante. Não se ganha apenas a formação acadêmica, mas também, a possibilidade de aprender e vivenciar outras experiências, culturas, o culto à diversidade entre outras coisas. Tive a oportunidade de conhecer a luta das mulheres brasileiras e a forma como organizam a sua militância política e social, o que para mim era interessante pelo fato de eu ser ativista social.

Nunca me desliguei de Moçambique. Com a família, principalmente. Meus círculos sociais sempre estiveram ativos. São espaços nos quais me revejo sempre, onde eu e outras mulheres moçambicanas trocamos ideias, alegrias e tristezas; nos ajudamos; motivamos e nos damos forças para nos mantermos em pé. Infelizmente, a luta das mulheres não é apenas moçambicana, nem tão pouco brasileira, é de todas as mulheres do mundo.

Ainda nesses círculos, as possibilidades de conversa em relação às oportunidades de se formar no exterior tornaram-se mais constantes. Abordávamos não apenas sobre as nossas possibilidades, como

também sobre como encaminhar os nossos mais novos, em especial as meninas. Isso me deixa pensar que: nem tudo era um choro.

Se pensarmos os benefícios para o desenvolvimento do país, se utilizando da perspectiva do autor Amartya Sen (2010), a liberdade que os indivíduos desfrutam para realizar coisas por elas valorizadas é importante porque favorece a oportunidade da pessoa obter resultados valiosos o que é crucial para a avaliação do desenvolvimento da sociedade. Além disso, maior liberdade melhora o potencial do indivíduo cuidar de si e influenciar o mundo - duas questões fundamentais para o processo do desenvolvimento.

A nível académico, é importante destacar que as instituições de ensino superior do mundo inteiro encontram-se imersas no processo de internacionalização do ensino superior, o que exige aos estudantes e professores uma melhor compreensão e habilidades evidentes para trabalharem e viverem em ambientes diferentes e culturalmente diversificados, fato que demanda uma mobilidade do mercado de trabalho e uma crescente diversidade cultural do espaço académico (KNIGHT, 2004).

2.3. O papel da família

É comum ouvirmos - nenhuma família é perfeita. A minha não é exceção. Todavia, tenho memórias do apoio e encorajamento dado por ela, na construção dessa ideia que desconstrói os papéis sociais e as expectativas de gênero definidos tanto para os homens, quanto para as mulheres. Tal como preceitua a Constituição da República de Moçambique, a família é o elemento fundamental e a base de toda a sociedade (MOÇAMBIQUE, 2004). Enquanto instituição jurídica, constitui um espaço privilegiado no qual se cria, desenvolve e consolida a personalidade dos seus membros e onde devem ser cultivados o diálogo e a entreajuda (MOÇAMBIQUE, 2019).

A questão de gênero é problemática porque “ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas do gênero” (ADICHIE, 2015, p. 40). Dentro do casamento, por exemplo, jogam muito os papéis sociais, onde o marido tem mais possibilidade de usufruir de oportunidades em relação à sua mulher. Geralmente, isso é

apoiado tanto pela família do homem, quanto da mulher. A justificção tem sido sempre a mesma, associada ao papel cuidador da mulher perante a sua família. É mais fácil pensar que a mulher é quem deve cuidar dos filhos, alimentá-los e ensiná-los. A isso se associa a presença física da mulher no exercício dessas tarefas. Ao marido fica aquela percepção de cuidador, no sentido de provedor, socialmente autorizado a se aventurar pelo mundo em busca de melhores condições para a família e detentor de todas as possibilidades de “crescer” e ser socialmente “grande” e respeitado.

O que é o casamento afinal? Na minha opinião, é um lugar de apoio e entreaajuda entre o casal. Eu senti esse apoio. Meu noivo me deu apoio incondicional e coragem. Eu reconheço isso - o casamento é para somar, não é para subtrair. Vale destacar o apoio da minha sogra. Me recordo de algumas palavras dela: “Vá... Seja forte, termine e volte”. Essas palavras soam tão bem para mim e dão certeza de ter ganho uma mãe que se preocupa comigo.

Enquanto não podia levar a minha filha, os meus pais acautelaram isso para mim. É frequente ouvir que as mães dão tudo o que têm e o que “não tem”, mesmo em meio a dificuldades, por isso um total reconhecimento a elas. Eu reconheço a importância da minha família nesse processo. Acredito que foi a colaboração da minha rede de apoio e a vontade interna de querer dar continuidade com a minha formação. Aliás, o empoderamento que é o processo autorreflexivo de conquista da autonomia e da autode-terminação é primeiro de dentro para fora e em seguida, de fora para dentro. É, também, simultaneamente um meio e um fim em si próprio (SARDENBERG, 2006).

Ainda em relação ao empoderamento, em uma entrevista, Paulina Chiziane, ao abordar sobre um dos seus trabalhos desenvolvidos em penitenciárias femininas de Moçambique, evidenciou que 70% das mulheres presidiárias estavam naquela condição por terem cometido homicídio decorrente da violência doméstica. As presidiárias justificam que se tivessem compreendido, enquanto casadas, que nada justificava a violência que sofriam dos seus parceiros e que a separação e a busca por uma renda era a solução, não teriam se envolvido naquela situação fatal. Na sequência, ela relatou o seguinte:

elas foram levando tanta porrada ao longo dos dias e muitas delas, naquele momento crítico em que estavam entre a vida e a morte [...] por instinto natural, [deram] o salto mortal que nem as leas. A mulher está a ver os filhos dela que vão ficar órfãos, e ela que vai morrer salta com uma energia incrível, vira o jogo e o homem morre. Portanto, ali, naquela luta, [...] é vida ou morte. Depois é o processo judicial, depois a prisão e muitas delas dizem assim: essas mensagens que vocês produzem lá fora de prevenção contra a violência, são mensagens boas, mas falta-lhes fundamentos, isto é, eu só descobri que tinha força, e uma força verdadeira no momento fatal. Se eu tivesse descoberto que era tão forte antes, eu podia ter feito a prevenção. Isto é, reconhecendo que tenho força, eu poderia ter saído daquele casamento, poderia lutar por trabalhar, construir uma vida muito melhor que seria muito bom para os meus filhos, mas sempre me fizeram acreditar que eu era fraca e só descobri que era forte na altura em que o homem ia morrer. Então, alguma coisa deve mudar [...] melhorar na produção dessas mensagens e é muito bom dizer as próprias mulheres desde cedo, que mulher é forte sim e que se o homem brinca pode morrer também, então, é preciso educar os homens para essa realidade (MUNICÍPIO DE OEIRAS, 2022).

Assim, o empoderamento da mulher não apenas garante a sua autoestima, como também permite um equilíbrio social.

3. Experiência acadêmica

A minha experiência acadêmica iniciou com a participação em atividades extracurriculares que estavam sendo desenvolvidas pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O PPGPP-UECE é o programa em que estou inserida no âmbito do meu processo de estudos. O que me chamou atenção foi o fato de ter participado nessas atividades (minicurso e palestras) na primeira semana da minha chegada ao Brasil e por coincidir com o período de férias, no qual eu tinha previsto a realização de

procedimentos de implementação da bolsa, incluindo a regularização do meu progresso migratório.

O minicurso foi orientado por um professor argentino, Federico Finchelstein, especialista em estudos sobre fascismo e populismo e a palestra foi proferida pelo professor Leonardo Avritzer, considerado um dos maiores politólogos do Brasil na atualidade. A relevância dos dois professores é justificada pelo fato deles terem me introduzido a uma discussão sobre a democracia no Brasil e na América Latina, defendendo posições acadêmico-científicas próprias, desenvolvidas por muito tempo de experiência investigativa, sendo visualizadas em seus livros e artigos científicos.

Um aspecto importante que eu notei no Programa é que todos os professores possuem o grau acadêmico de doutor e uma larga produção científica, na maioria artigos e também livros. Em relação aos artigos, um dos discursos que tem ganhado espaço dentro da academia brasileira é o incentivo tanto aos professores quanto aos alunos, dada a sua contribuição para o desenvolvimento científico, por estes, muitas vezes, abordarem temas da atualidade e, de certo modo, específicos. São de fácil circulação, aliado ao fato de antes de ser aceite e publicado por alguma revista passarem por uma “avaliação às cegas”, efetuada por acadêmicos, resguardando a qualidade do que é produzido e conferindo maior credibilidade ao trabalho. Isso nem sempre acontece no processo de elaboração de livros, visto que nem todos passam por uma avaliação pelo conselho editorial.

Apesar da vantagem dos artigos, a produção dos livros também é comum no seio acadêmico, uma vez que dentro das universidades existem editoras que precisam e incentivam a produção de livros. Por esse motivo, a oportunidade de se elaborar um livro ou um capítulo de livro é prática entre os alunos.

Outra prática que eu achei interessante, que é incentivada na academia brasileira, é a realização de estudos em grupos de pesquisa, coordenados por professores de universidades e acadêmicos de reconhecido mérito, abordando sobre temáticas específicas. Fazem parte desses grupos alunos de universidades e pesquisadores de diversas instituições acadêmicas, segundo a área de seu interesse e das pesquisas a serem realizadas. O integrante de

um pode fazer parte de outros. Esses grupos são caracterizados por debates, criam oportunidades para publicação e participação em conferências nacionais e internacionais. É, na verdade, uma exposição boa em que o aluno tem acesso a diferentes pontos de vista e assume riscos de exposição acadêmica, contribuindo para uma visão mais crítica sobre o assunto que pesquisa ou que seja de interesse do grupo. Dos vários grupos que a UECE tem, eu me inseri no grupo Observatório das Nacionalidades, que é uma rede de pesquisa multidisciplinar voltada para estudos teóricos e empíricos concernentes à construção das nações.

Na pós-graduação, por exemplo, as grades curriculares são majoritariamente compostas por disciplinas optativas e poucas obrigatórias. A existência de disciplinas optativas é um diferencial importante porque permite ao aluno escolher disciplinas que atendam especificamente a pesquisa que realiza ou o aprofundamento de um conhecimento do seu interesse. Apesar de eu estar a me formar na área de ciência política, tive oportunidade de optar por disciplinas de outras áreas de conhecimento, nas quais aprofundi sobre gênero e feminismo, o que para mim é uma grande paixão. Parece que o objetivo da universidade brasileira não é, apenas, fazer valer o seu curriculum do curso, mas também permitir a formação do aluno em diversos saberes, dando-lhe a possibilidade de optar por disciplinas na sua universidade ou em outras.

4. Outras vivências

Uma realidade motivadora e engraçada, ao mesmo tempo, é o otimismo do povo brasileiro. Para eles tudo vai dar certo, até mesmo quando a situação não estiver boa, eles vão dizer “vai dar certo”. Isso, além de serem alegres, acolhedores e solidários.

Tive a oportunidade de participar em alguns debates, palestras e simpósios sobre gênero e violência contra mulher e, consequentemente, pude observar o interesse das mulheres brasileiras em abordar sobre essas questões e percebi a importância dessa temática para elas. A luta feminista brasileira é motivadora pelo fato das mulheres se engajarem, terem a militância social e se preocuparem desde cedo pela sua autonomia emocional e financeira.

Foi no Brasil que tive o primeiro contato com o feminismo interseccional, que seria pensar no conjunto de opressões e questões de desigualdades que as mulheres sofrem, mas que impactam de forma diferenciada em suas vidas. Seria também o abandono da categoria “mulher” enquanto um ser universal e o reconhecimento da diversidade de mulheres. No Brasil, por exemplo, significaria pensar sobre a articulação entre as categorias raça, classe, gênero, etnia e localização geográfica. Ou seja, qual é o ponto de partida das mulheres, de onde elas vêm e quais são os desafios que elas enfrentam? As mulheres heterossexuais, por exemplo, sofrem machismo; as mulheres LGBTQI+ além de sofrer o machismo lutam diante da discriminação, por conta da sua orientação sexual. Acrescido a isso, existem lutas diárias sobre o racismo, as dificuldades de acesso aos bens e serviços públicos, entre outras questões.

Assim, o conjunto de opressões que as mulheres enfrentam serão diferenciados quanto mais categorias discriminatórias reunir. Essa realidade diferenciada, denota privilégios de umas em detrimento de outras, conseqüentemente, suscita a existência de movimentos feministas, no plural. Essa constatação faz pensar na possibilidade de políticas públicas para todas, mas considerando as diferentes realidades.

Participei de um evento em que as mulheres da sociedade civil e dos partidos políticos de esquerda se uniram em prol de várias pautas de proteção dos direitos da mulher onde uma delas era a legalização do aborto. Nesse dia eu dei o meu contributo enquanto cidadã moçambicana que tem a “jovem” experiência de viver em um país onde o aborto é legal, dando a mulher o direito de decidir sobre o seu corpo, a sua vida e de ter uma interrupção de gravidez segura. Contudo, ainda existe um grande tabu e culpabilização das mulheres que tomam a decisão de abortar, daí que a divulgação massiva sobre a legalização dessa lei é muito importante.

Durante a minha estadia no Brasil, conheci jovens mulheres e militantes, cujas causas me instigavam a pensar continuamente na luta pelo direito das mulheres, na sua autoestima e no seu empoderamento.

5. Considerações finais

Reconheço a multiplicidades dos desafios que as mulheres enfrentam, cada um ligado ao seu cotidiano, seus objetivos e ao meio pelo qual está inserida. Nesse processo de me formar no exterior marcado por desafios; certezas e incertezas; momentos de alegria, tristeza, choro e aprendizado, tive igualmente perdas. Perdas de momentos com a família e perdas de vivências, experiências e aprendizados da minha filha. Porém, algumas perdas são necessárias - fazem parte da vida, nos permitem mudar, crescer, desenvolver e nos tornam mais fortes.

A maternidade, o casamento e a família não devem se constituir como impedimentos para a construção de objetivos e a realização de sonhos. Devem sim, constituir-se como uma porta de oportunidade e uma rede de apoio à realização de sonhos. Que cada rapariga e cada mulher, a partir do que gosta, de onde está inserida e se identifica, trace o seu caminho e seja sujeita do seu futuro.

Mudar a realidade do seu cotidiano não é fácil, é instigante e é uma luta constante, até com o seu eu. Porém, é muito importante! É muito importante que todas nós estejamos comprometidas com a mudança e é mais importante ainda, que esse movimento de mulheres e raparigas que buscam pela sua realização não pare e seja real na vida de cada uma.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CAFÉ FILOSÓFICO UFRN. **Paulina Chiziane**: Oralidade e ancestralidade. Youtube, 24 jan. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WiLjX_7dDk Acesso em 01 ago. 2022.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES. EDITAL Nº 25/2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/26062018-edital-25-2018-pdf> . Acesso em: 18 fev. 2023.

CHIZIANE, P. **Páginas Tantas**. Youtube, 2013 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yYIwTj7afJA>. Acesso em 30 jun. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. IV RECENSEAMENTO GERAL DA POPULAÇÃO E HABITAÇÃO 2017: RESULTADOS DEFINITIVOS MOÇAMBIQUE MAPUTO – ABRIL, 2019. Maputo, Moçambique. Mai. 2019. Disponível em: <https://macua.blogs.com/files/censo2017.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

MOÇAMBIQUE. Constituição da República de Moçambique. **Boletim da República**. 1ª Série, n. 51, Maputo, dez. 2004.

MOÇAMBIQUE. Lei n.º 22/2019: Lei da Família e Revoga a Lei n.º 10/2004 de 25 de agosto. **Boletim da República**. 1ª Série, n. 239, Maputo, ago. 2019.

MUNICÍPIO DE OEIRAS. **Café com letras com Paulina Chiziane**. Youtube, 17 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WXoxiZuwffU>. Acesso em: 1 ago. 2022.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Relatório do Desenvolvimento Humano 2019: Além do rendimento, além das medidas, além do presente: Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. New York, NY 10017, USA, 2019. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdr2019ptpdf.pdf>. Acesso em 16 fev. 2023.

SARDENBERG, C. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIORST, J. **Perdas Necessárias**. Tradução por Aulyde Soares Rodrigues. 4ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

KNIGHT, J. Internationalization Remodeled: Definition, Approaches, and Rationales. **Journal of Studies in International Education**, vol. 8, n. 1, p. 5–31, 2004.